

«Homens como o Engenheiro Duarte Pacheco não morrem, não podem morrer. A vida destes homens é, acima de tudo, a vida da sua obra e do seu sonho.»

António Ferro

ANO I—N.º 24
NOVEMBRO

16

1 9 5 3

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRÁFICA LOULETANA
R. P. e António Vieira, 9—LOULÉ—Tel. 216

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

Composto e Impresso na TIPOGRAFIA UNIÃO—Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.—FARO—Telefone 154

DUARTE PACHECO

“Uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio” -- SALAZAR

DOBARAM-SE 10 anos sobre aquela tarde trágica em que a Morte, apossando-se do seu corpo mutilado, entregou Duarte Pacheco à Vida imperecível da sua obra extraordinariamente ímpar. E quanto mais o Tempo nos afasta desse dia, mais nos sentimos no Tempo de Duarte Pacheco.

A sua luminosa ante-visão das necessidades e deficiências materiais do País, a sua inesgotável capacidade de realização, o seu dinamismo espantoso, a consciência nítida de que era preciso *construir para um século*, o seu contacto íntimo e constante com os planeadores e com os executores, a presença da sua forte personalidade nas linhas gerais e nos pormenores, fizeram uma verdadeira revolução na medida das concepções, na forma de resolver e no sistema de executar.

Criou discípulos, alguns dos quais haviam sido seus professores.

Por isso, em tudo quanto ainda se faz na restauração e transformação material do País, em cada obra, em cada aldeia, em cada campina, encontramos Duarte Pacheco.

Algumas dessas realizações poderão, porventura, não terem ainda sido previstas, mas foram, decerto, pressentidas pelo grande ministro, pois o seu espírito transcendeu o para além da sua morte e é ainda, na confissão honrosa do actual titular da sua pasta, o grande orientador dos seus sucessores.

Duarte Pacheco deu a sua vida à Nação e, pelo País inteiro, em cada fonte, em cada pedra, em cada escola, em cada vila e em cada aldeia, espalhou generosamente, entusiasticamente, enternecedoramente, bocadinhos da sua alma.

Ergue-se nesta vila e inaugura-se hoje, um monumento de projecção nacional, não para que não fosse esquecida a sua lembrança pelos que vierem depois, mas para lhes atestar a gratidão dos seus coevos, pois quanto aos novos, diz com verdade Caetano Beirão: «ele permanecerá subjectivamente, nas visões realísticas, nas tendências de nossos filhos, que já se não acomodarão à marcha quebrantada do tempo de nossos pais e avós.

Ele está e perdurará consciente ou inconscientemente, na alma da gente nova de hoje e de muitas gerações vindouras, que sofrerão a influência dinâmica desse génio nacional que cruzou, fugaz o espaço português.»

O País inteiro está hoje presente na sua terra, no recanto provinciano aonde desabrochou a forte personalidade de Duarte Pacheco, para lhe prestar homenagem junto do monumento tão simbólico e tão expressivo que os municípios de Portugal ergueram à sua memória.

O País vem à terra de Duarte Pacheco, mãe amantíssima e reconhecida, que mais isentamente o admirou por não ter sido por ele tratada com a excepção a que podia julgar-se com direito, exprimir com ela a sua gratidão e chorar a sua saudade.

Loulé orgulha-se de ter hoje, dentro das suas portas, toda a alma da Nação e com ela curva-se reverente, saudosa, engrandecida e agradecida, perante a memória de quem foi um Grande Louletano só por ter sido um Grande Português, ou, simplesmente, um Homem.

Jaime Rua



ORGULHO—GRATIDÃO—SAUDADE

A gente da minha terra que é amiga de tudo quanto é seu, e vive sincera e sentidamente, como ninguém, os problemas locais e nacionais, saberá ir no próximo dia 16 junto do Monumento a Duarte Pacheco, depôr, comovida e silenciosamente, uma saudade, recordando esse dia triste que quebrou uma preciosa vida e um grande sonho, e vibrar depois com entusiasmo e orgulho, por ter visto nascer entre os seus, tão ilustre português e destacado obreiro da Revolução Nacional.

Lisboa, 8 de Novembro de 1953

(Palavras do Deputado pelo Algarve — Tenente Coronel Manuel Sousa Rosal Júnior)

O DUARTE QUE EU CONHECI UM GRANDE MINISTRO!

Por J. GUERREIRO PEREIRA

UM GRANDE PORTUGUÊS!

Por Luís Sebastião Peres

Recordar DUARTE

PACHECO, é evocar

uma época excepcio-

nal de intensas rea-

lizações.



Duarte Pacheco aos 3 anos

do liceu, era o autor destas linhas aluno da Escola Normal. Encontrei-me com o irmão Humberto, em Faro, que me diz: — «Sabe que o Duarte está a fazer boa figura! Vou esforçar-me por fazer dele um homem».

E fez. Daí por diante Duarte Pacheco foi um estudante laureado — segunda mutação da sua vida.

Concluido o Liceu, marchou para a Universidade, onde brilhou. Licenciou-se; chegou ao doutoramento, e nova mutação se assinala: formalizou-se e tornou-se um intelectual. Perdeu o contacto quase por completo com a terra natal.

Um belo dia é chamado a gerir a pasta da instrução, por cujos meandros pouco se demorou. E' o ministro mais novo do País.

Preside à Câmara Municipal de Lisboa. Assinala uma obra notável.

Volta ao Ministério. As obras públicas atraíam-no. E então depara-se com o Homem no seu lugar. Ninguém poderia fazer mais, nem melhor. Os seus planos são todos arrojados, dignos dum grande Ministro. Todo o País o conhece e reconhece. Um pouco enteadado para a sua terra, empreende, de Norte a Sul, uma obra que as futuras gerações hão de admirar. E nós, Louletanos, sentimo-nos orgulhosos de o ter como conterrâneo.

As nossas mais rendidas homenagens!

Era essencial que o estabelecimento tivesse mais do que uma porta, para a cauda do dragão se escapulir, antes que o dono do estabelecimento acudisse com a vassoura ou o azorrague, a punir os discólos.

Decorreram os anos, e dá-se a primeira mutação no Duarte: aquela alegria exuberante tolda-se para dar lugar a certa tristeza e sisudez. Passa-se o tempo; fazem-se os primeiros anos do liceu, sem que coisa alguma assinala um estudante invulgar. Por volta do quarto ano

SE pudéssemos dar um impulso no tempo e fazê-lo recuar quatro décadas e meia, ficaríamos em frente dum mocito roliço, corado, irrequieto e mau, daquela maldade muito desculpável aos nove anos de idade. Completava eu a instrução primária e ia para o exame do 2.º grau, quando o conheci. Pertenci a uma camada um pouco mais velha, e não dávamos grande confiança ao pimpolho, que encahava connosco a cada instante. Não obstante, o Duarte metia-se, enfrentando o perigo dalguns safanões. Mas era assim, sempre corajoso e sempre travesso.

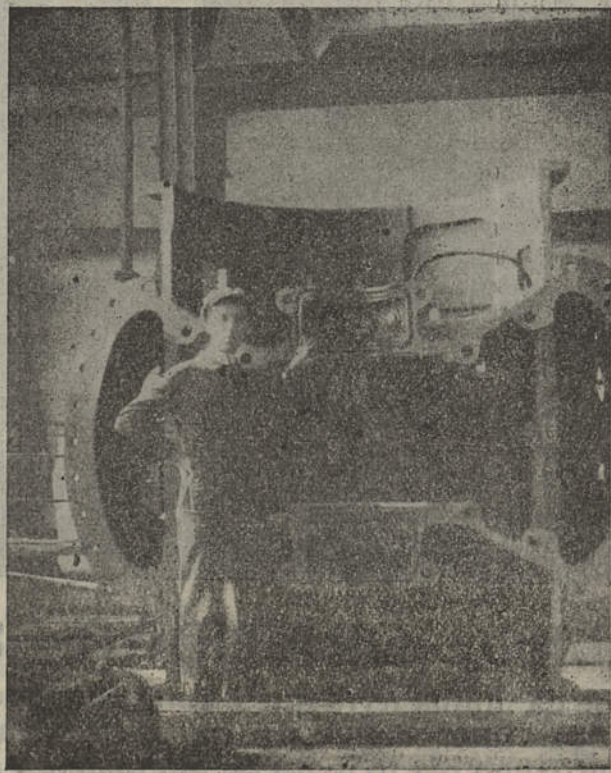
O seu campo favorito não era, porém, os moços do seu tempo, com os quais procurava, aliás, manter boas relações. O alvo das suas travessuras eram as pessoas crescidas, homens ou mulheres, à custa dos quais o Duarte ria a bandeiras despregadas.

Estavam na moda, ou eram invenção sua, os célebres «dragões».

O que vinha a ser um dragão, naquele tempo?

O dragão era uma enfiada de rapazes, presos uns aos outros pela cintura, curvados quanto pudessem, e marchando a toda a velocidade. O da frente era o cabeça, o de trás, a cauda.

Assim dispostos, percorriam as ruas e os estabelecimentos comerciais, especialmente tabernas, e tudo quanto encontrassem que fosse frágil, ou que produzisse barulho na queda, era atirado ao chão. Encarregava-se disso o cabeça, que geralmente era o Duarte; gostava deste lugar, como gostava do último da cauda, por ser o mais arriscado.



Duarte Pacheco no estágio

«Até terminar o curso de engenheiro-electrotécnico em 1923, Duarte Pacheco não teve outra actividade que não fora: — estudar para aprender; ensinar para viver.»

Dr. Caetano Beirão da Veiga

Conferência na Casa do Algarve em Julho de 1951

«O engenheiro Duarte Pacheco detestava as improvisações e os expedientes, como indignos da seriedade da inteligência e da gravidade do tempo. Por isso se resignava a adiar os problemas até ao seu estudo exaustivo e à sua integração no conjunto dos outros problemas afins. Mas questão estudada a sério ficava definitivamente resolvida, sem que mais se viesse a sentir a necessidade de tocar na traça geral das soluções.

Desinteressado até à renúncia, rindo com a pobreza ou a modéstia dos recursos próprios, resignado ante a incompreensão ou as reticências, indiferente ante a ligeireza com que em geral se apreciava entre nós o homem público, tinha no entanto absoluta confiança no sentimento de gratidão do povo diante de um Estado que deixou de ser uma abstracção ou um estorvo, para tomar decididamente a peito servir o real, o tangível interesse de todos». — SALAZAR.

UAl decorrida uma década que desapareceu da vida o Eng.º Duarte Pacheco e, no tumulto dos acontecimentos internos e externos que prendem todas as atenções, o seu nome anda na boca de todos, a sua imagem não se desvaneceu na memória dos portugueses.

Como escreveu António Ferro: *a sua força anímica não se extinguiu nem se extinguiu tão depressa; a sua alma continuará a viver na marcha triunfal da sua obra.*

Para que não se dividissem os esforços dos seus admiradores e das terras que lhe devem gratidão, e que se espalham por todos os municípios do País, pois nem a um só deixou de assistir e levar melhoramentos há muito ambicionados; assentou-se na elevação de um monumento que indicasse às gerações a sua época e a sua acção prodigiosa e que o monumento fosse erguido na sua terra natal, a formosa e clara vila de Loulé.

Amanhã, o País, em roagem sincera e de inteira veneração àquele que, em vida, se deu inteiramente ao bem público, vai prestar ao saudoso Ministro a sua gratidão pelos assinalados e prestimosos serviços prestados à Grel; assistindo à inauguração do seu monumento, em Loulé, comemorando-se a data do 10.º aniversário do seu trágico falecimento.

Duarte Pacheco, Orgulho de Loulé, Honra da Nação, «imarcescível glória do Algarve», uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio, como disse Salazar; volvidos dez anos após o seu desaparecimento, vai receber a justa consagração do seu dinamismo, da sua inteligência e da sua infatigabilidade, posta ao serviço da Nação.

Uma outra dívida de gratidão está em aberto: aquela da Câmara Municipal de Lisboa, — a sua querida Lisboa, que ele tanto amou, a sua querida Capital, que ele transformou e alindou, — ainda não prestou, embora

aprovado por unanimidade: «que manda construir um mausoleu onde devam repousar os seus restos mortais; e o estudo da forma e local onde se perpetue o reconhecimento da cidade pela grande obra que o imortalizou.»

São volvidos dez anos e as cinzas de Duarte Pacheco continuam à espera do cumprimento desta deliberação tomada e aclamada pela Câmara Municipal da capital do Império Português.

Lisboa, mereceu-lhe sempre um carinho especial. A sua capacidade de realizador, ao seu dinamismo e à sua tenacidade, ficou ela a dever-lhe inestimáveis serviços, e eles são tantos! A Alameda de D. Afonso Henriques; as obras do Teatro Nacional de S. Carlos; do Museu Nacional de Arte Antiga e do Palácio das Carrancas; as Comemorações Centenárias; o Instituto Superior Técnico; o Estádio do Vale de Jamor e os arruamentos e avenidas que hoje vemos realizados.

Os seus formosos Parques Infantis; o edifício da Estatística, Casa da Moeda; os Bairros Económicos do Alto da Serafina, da Ajuda e das Terras do Forno; o Hospital Escolar, a Auto-Estrada e a restauração dos Castelos e Monumentos, etc., tudo isto, feito quando presidente da edilidade da primeira Câmara do País.

Como Ministro da Instrução — o seu dedo de reformador dos assuntos da Instrução — manifestou-se clara e desassombradamente, através das suas notáveis qualidades de professor.

Criou e fez escola, como professor, pois possuía notáveis dons de matemático.

Ninguém de boa fé e de visão justa contestará hoje em Portugal o valor excepcional da acção desenvolvida no domínio das Obras Públicas neste País pelo grande Ministro que foi Duarte Pacheco.

Estou, porém, certo de que com o tempo a notável figura de estadista e realizador irá ainda ganhando em re-

(Continuação na 7.ª página)

Passados dez anos O Engenheiro Duarte Pacheco

Pelo Dr. Francisco da Silva Pera

como Ministro de Instrução Pública

O MONUMENTO devido aos grandes serviços que a Nação prestou o Eng.º Duarte Pacheco há de ainda vir a erguer-se na cidade onde sonhou e realizou a sua maior obra, na capital do Império Português. A justíssima deliberação tomada pela Câmara Municipal de Lisboa, em 25 de Novembro de 1943, de estudar a forma e o local em que se perpetue o reconhecimento da cidade a Duarte Pacheco, não pode e não deve ser esquecida. Mesmo a homenagem que hoje lhe é prestada na terra natal, na formosa e próspera vila de Loulé, recorda essa deliberação, porquanto no cilindro de pedra a que se encosta o seu busto de bronze, está lavrada uma parte da sua obra.

Muito já se tem dito e escrito do Eng.º Duarte Pacheco, mas a mim me quer parecer que o seu maior elogio foi feito pelo Senhor Ministro das Obras Públicas, Eng.º José Frederico do Casal Ribeiro Ulrich, quando, numa explosão de sincero entusiasmo, disse que «o espírito de Duarte Pacheco prevaleceria para além da sua morte, pois era ele o grande orientador dos seus sucessores na pasta a que sacrificara a própria vida». Esse espírito, no parecer de Salazar, era «igualmente apto para as grandes linhas e para as pequenas coisas, para idear, particularizar e construir». A Duarte Pacheco podem com verdade aplicar-se as palavras que de Antero do Quental escreveu Oliveira Martins: «Se fôsse possível desdobrar um homem, como quem desdobra os fios de um cabo, Antero do Quental dava alma para uma família inteira. Que difficilmente se poderá encontrar uma personalidade tão rica, tão complexa e tão diferenciada».

Nasceu em 1900 e logo em 1914, tendo perdido o pai, começou a sua vida de professor. Os primeiros alunos foram os condiscípulos. Criança ainda começou a trabalhar; e todo o dinheiro que depois dispendeu, ele o ganhou nobremente, honradamente. E isto muito devia ter vincado a sua vigorosa personalidade, porque *if you've ever really been poor, you remain poor at heart all your life*. Conhecendo os inconvenientes da pobreza e não ignorando os da riqueza, as suas ambições não excederam nunca a modéstia dos seus ganhos. Se alguma vez a fortuna se tivesse abeirado dele, certo não o teria tentado.

A tradição política da sua terra e da sua gente, também em muito, devia ter contribuído para nele robustecer a paixão do bem comum — que outra coisa não é a política, por mais que a difamem. Sobrinho de Marçal Pacheco, um dos mais argutos e influentes políticos do seu tempo, filho de José Pacheco, que por alguns anos chefiou o partido regenerador no concelho de Loulé, um dos mais populosos do País, natural era que em seu espírito surgisse a ideia de activamente intervir na vida política. Mas a espantosa fecundidade da sua acção, como Ministro das Obras Públicas e Comunicações, apesar do seu dinamismo, da sua inexgotável capacidade de trabalho, da sua inquebrantável vontade, da sua ambição de bem fazer, do seu incontestável talento para conceber e para realizar os mais grandiosos projectos, da sua assombrosa habilidade

(Continuação na 4.ª página)

NO próximo dia 16, data em que se completam dez anos após a morte do eminente Ministro, que foi Duarte Pacheco, vai a Nação, numa significativa manifestação de acrisolado civismo e gratidão, glorificar na sua terra natal a memória desse grande português.

Muito me honra o jornal «A Voz de Loulé» permitindo que nas suas colunas fiquem gravadas estas singelas palavras de saudade infinda de um dos seus mais dedicados servidores.

Não vou analisar a sua obra de conjunto que é, pode dizer-se, quase inexaurível sob os vários aspectos da sua prodigiosa infatigabilidade. Apenas umas breves notas colhidas no curto período em que ocupou a Pasta da Instrução Pública para complemento da sua nobilíssima biografia já bastante completa por sumidades portuguesas.

Duarte Pacheco revelou desde criança especial vocação para as Matemáticas, fulgurando mais tarde essa virtude inata no seu Instituto Superior Técnico onde foi professor insigne. Chamo-lhe *seu Instituto* para vincular melhor que essa admirável realização lhe pertence quase exclusivamente e que bastaria só por si para consagrar o mérito dessa grande figura da nossa história contemporânea. Seria até um acto de justo reconhecimento gravando o seu nome naquele grandioso estabelecimento que a sua alta visão projectou em honra da engenharia portuguesa. Era também merecedor que a sua estátua figurasse num daqueles espaçosos jardins do magestoso edifício.

Foi em 18 de Abril de 1928 que sobraçou a Pasta da Instrução Pública, honrando-me então com o amável convite para seu secretário particular. De início logo me impressionou o seu vasto conhecimento de administração pública, especialmente os problemas que se relacionavam com a urbanização de Lisboa, visionando para além do Arco do Cego, em direcção ao Arieiro, uma nova e moderna cidade.

No seu Ministério era um dos primeiros a entrar e o último a sair, já de madru-

Pelo Engenheiro Geógrafo

Dr. José António Madeira

gada, e sem horas certas para as suas frugais refeições. Era no entanto bastante pontual nas visitas que fazia quase diariamente às

meço da sua investidura, combatendo a opinião pública e até a imprensa.

Aquele rapaz de 28 anos, cheio de dinamismo e flexibilidade de inteligência queria reformar depressa toda a instrução em Portugal, preo-



«As estradas, as pontes, as grandes obras hidráulicas, os portos com o seu apetrechamento, os liceus, os grandes institutos, a rede de escolas primárias e de casas do povo, os museus, os ginásios, os edifícios dos correios e telégrafos, as cadeias, os hospitais, as pousadas e os grandes palácios nacionais.

Os homens da minha geração, quando sinceros, não podem deixar de perguntar uns aos outros: — Como foi possível tão grande transformação? E a resposta se a encontram não lhes é fácil nem agradável de formular!»

obras do novo Instituto onde, nessa época, se procediam aos trabalhos de terraplanagem executados por potentes escavadoras.

Coberto de poeira deixava aquele lugar ao escurecer, para jantar apressadamente e dirigir-se de novo, sempre no mesmo ritmo veloz, para o Terreiro do Paço onde permanecia até às primeiras horas da manhã. Foi assim que decorreram ininterruptamente os dias em que o grande Homem de Estado ocupou pela primeira vez o Poder.

Não me é possível descrever neste breve relato a vida intensa que levou Duarte Pacheco nesse período agitado do seu ministério. Nem sequer lhe faltou uma revolução para lhe perturbar a actividade, forçando-o a deslocar-se por uma noite para o quartel de Caçadores 5, em Campolide, onde se encontravam os seus colegas de governo. Era tal o labor dispendido que se viu na necessidade de aumentar o quadro do pessoal do seu gabinete e mesmo assim todos estavam extenuados. Só o Ministro permanecia infatigável nessa vigília constante, fanaticamente absorvido nos grandiosos problemas que o seu génio iluminado havia concebido. Vi-o passar noites inteiras numa actividade inquebrantável, que a todos espantava, por ocasião desse grande movimento grevista dos nossos académicos universitários, enfrentando corajosamente essa dura emergência no co-

cupando o sobremaneira a velocidade do seu trabalho. Neste sentido não se mostrou bastante psicólogo, pois naqueles primeiros tempos em que a actual situação política estava ainda longe da consolidação, era de aconselhar moderação para não descontentar muita gente ao mesmo tempo. A cada diploma que publicava, forte reacção se formava em seu redor, convergindo uma massa enorme de descontentes que à viva força queriam avistar-se com o Ministro. A um ou outro de alta categoria social e mental, apresentando argumentos aparentemente lógicos, era-lhe permitido ser recebido e, caso curioso, as declarações eram sempre as mesmas: «*afinal o Ministro tem razão*».

Não nos surpreendia esta afirmação, pois sabíamos que Duarte Pacheco tinha o elevado condão de convencer pela argumentação que conduzia à maneira de demonstração de um teorema. Os seus conceitos eram tão primorosamente expostos, na linguagem de um matemático, que difficilmente se poderiam interpretar de maneira diferente daquela que havia pensado.

Nas 30 semanas que ocupou a Pasta da Instrução abordou os mais variados problemas do seu departamento, publicando cerca de 100 decretos e portarias e deixando outros tantos delineados quando saiu.

Neste tão fugaz intervalo (Continuação na 5.ª página)



«Duarte Pacheco, também visionou um Portugal materialmente transformado, com belas estradas, pontes monumentais, profusão de edifícios públicos, escolas, casas do povo, pousadas, estações do correio, aeródromos, obras de rega, portos seguros e bem apetrechados; enfim, com todas as maravilhas da civilização material do nosso tempo!»



«O Dr. Oliveira Salazar teve a grande felicidade de encontrar o seu Homem raro, o colaborador ideal para a execução do seu plano de obras públicas, no falecido Ministro, cuja memória hoje evocamos!...»

Passados dez anos

(Continuação da 3.ª página)

para conhecer os homens e para os aproveitar, só foi possível pelas especialíssimas condições da época em que trabalhou. Sema estabilidade política e sem os recursos financeiros que lhe eram assegurados pela orgânica do Estado Novo, uma obra como a de Duarte Pacheco, seria irrealizável, inconcebível mesmo. Fora, portanto, clamorosa injustiça não repetir aqui que essa obra, como disse o Dr. Beirão da Veiga, «é fruto do binário—Salazar—Pacheco—dessa simbiose de dois génios a que Portugal deve tão largo passo no caminhar do progresso.

A sua morte não paralisou a empresa delineada. O organismo que afinara continuou a trabalhar com a mesma regularidade e a equipa de técnicos que chefiara csm a mesma devoção. Contudo muito prometia ainda a sua vida, abruptamente cortada pelo Destino. Que o pensamento de que lhe concedeu a invejável felicidade de morrer trabalhando e a imperecível glória de morrer pobre, console a saudade ainda tão viva dos que com ele colaboraram e sinceramente o admiraram e estimaram.

Francisco da Silva Pera



«... os projectos de tantas obras novas, de tantas concepções que outrora pareciam arrojadas e hoje são correntes, pode dar testemunho certo de que, na grande maioria deles, se encontra bem marcado o rasto de uma orientação, o lampejo de uma ideia, o ajustamento feliz de um pormenor, a previsão sensata e clara de uma finalidade longínqua, que denunciam a intervenção superior do Estado—engenheiro e Ministro Duarte Pacheco...»

DUARTE PACHECO, realizador de excepção

Pelo Prof. Doutor Fernando Emygdio da Silva

TIVE ensejo, por ocasião do centenário do Ministério das Obras Públicas, de evocar a figura de Duarte Pacheco. Inaugurou-se, nesse dia, o seu busto junto ao de Fontes, fundador do Ministério — ambos saídos da forja do Mestre Francisco Franco, ambos chamados desta arte a tutelar, ou antes a modelar os destinos da casa... Coisa curiosa, de resto; em cem anos, tinha havido naquela pasta um pouco mais de cem consulados diversos, alguns, por sinal, exercidos por homens públicos de envergadura. Mas cento e cinco consulados (que tantos foram) em cem anos... já pouco tempo a cada consul. Assim... Além de Fontes e antes de Duarte Pacheco, só Navarro, a bem dizer, teve ensejo de dar fulgurante sinal de si. Fui levado desta forma a aproximar os três maiores: o último chegado em nada padecia do confronto com os dois primeiros.

Por três vezes, na verdade (e este era o seu aparente sinal comum) uma varinha mágica havia galvanizado o país. A mesma, porventura: porque das três vezes, ao olhar de todos, súbito, quase de surpresa, Portugal, no seu conjunto, haveria de sair visivelmente refeito. Com esta diferença, no entanto. Fontes beneficiou de uma descendência relativa: a do tempo. Navarro foi vítima de uma acção implacável: a dos políticos. Duarte Pacheco teve a seu favor: o momento propício. Teve contra si: a vida breve.

Nessa conformidade... Do primeiro impulso fontista, que durou seis anos, ficaram na ordem material os alicerces do Portugal moderno; foram, nesse campo, com vinte anos de atraso, a réplica ao espírito renovador de Mousinho da Silveira.

O consulado de Navarro só teve o mal do escasso e movimentado triénio que o deixaram durar. Porque, no mais, deixar marca de vida e acção — por todo o país. Quanto ao Engenheiro Duarte Pacheco...

Dois passos do que a seu respeito disse há um ano me aprez reproduzir:

«... O nome e a obra do Engenheiro Duarte Pacheco estão demasiado perto de nós — não para lhes medir a estatura, essa vê-se bem, para que os não tivéssemos, presentes e nítidos, diante de nós. O signo do espectacular, para mais, marcou decisivamente o dinamismo do homem: a dupla surpresa do arranco feito em dois

tempos, os dez anos pletóricos de Trabalho, o vulto, a variedade e extensão da obra à vista, a visão do planificador, o seu fim dramático e prematuro.

«Se lhe não foi dado ver toda a terra prometida, viu, no entanto, muita obra feita, em terra de Portugal, aquele que, por justo título, foi equiparado, no surto da Idade Nova, ao inclito fundador do Ministério das Obras Públicas. Mas viu ainda muito mais — no que projectou e visionou a sua imaginação fulgurante, na-

quela inquietação atormentada que foi um pouco do turbilhão da sua curta existência, que foi o seu trágico desfecho — com medo, parecia adivinhá-lo, de que a vida não chegasse para todo o mundo da sua criação primeiro borbulhante, logo ordenado, que deveria, descedo do cérebro ao papel e do papel ao solo, refazer o País e, nomeadamente em Lisboa, reconstruir a cidade.

«Toda essa avalanche passou já, em boa ordem, a história do país refeito e (Continuação na 7.ª página)



«Construir para um século era a divisa, porque, paradoxalmente uma Nação modesta não pode construir só para 20 anos... A perfeição da obra material... deriva da rara complexidade intelectual dessa extraordinária feição de espírito, igualmente apta para as grandes linhas e para as pequenas cousas, para idear, particularizar e construir, como se a grandeza e beleza do conjunto não fossem senão o somatório ou a resultante da perfeição do pormenor.» — Discurso do Presidente do Conselho em 23-XI-43

«... o que torna um destes visionários — seja Napoleão ou Duarte Pacheco — um conquistador perigoso ou um edificador ousado, é o dom que receberam do Criador, de no mesmo arroubo de imaginação verem — positivamente verem — como imagens sobrepostas, a visão realizada e os meios próprios de a realizarem! Por isso, eles passam tão subitamente da Ideia à Acção; da Presfiguração à Realidade, que as almas ingénuas não lhes recusam o poder de operar milagres; e os espíritos mesquinhos e azedos lhes atribuem o demónio das grandes! Daquela adoração ou desta inveja ainda nenhum grande homem escapou e Duarte Pacheco foi Homem e a História começa a dizer que foi Grande!»

Justa Homenagem

Pelo Prof. Dr. Bissaya Barreto

A CTO de justiça representa a homenagem que os municípios de Portugal prestam à memória do Engenheiro Duarte Pacheco, grande reformador das obras públicas e que, dotado de uma larga visão e previsão, trabalhou nos diferentes campos de acção do seu Ministério com uma amplitude e largueza tais que as obras realizadas satisfazem às necessidades do País num prazo de 50 anos.

Activo, dinâmico, irrequeto e inquieto, com uma ância de progresso, movi-

mentou energias adormecidas, despertou iniciativas, alimentou esperanças e conseguiu a mais rápida e extensa obra de realizações que a nossa história regista. Nunca se fez tanto em tão pouco tempo. E se foi grande e valiosa esta sua acção, não teve menos importância a criação de um escol de técnicos, notáveis pelo seu saber, notáveis pelo seu espírito de colaboração, notáveis pela dedicação ao seu Ministro, que admiravam com justiça e quasi veneração.

O Engenheiro Duarte

Pacheco foi, sem dúvida, um dos mais prestimosos colaboradores do Senhor Presidente do Conselho — Doutor Oliveira Salazar —; muito contribuiu para enriquecer o seu Governo solucionando certos problemas, indispensáveis para a grande transformação económica — social, que, afanosamente, se vai operando na nossa Terra.

Por isso, a inauguração do monumento erigido ao Engenheiro Duarte Pacheco representa uma louvável manifestação de educação cívica, ficando a atestar as gerações futuras os sentimentos de profunda admiração e até de orgulho da gente da província, que teve a honra de o ter como seu filho.

Bissaya Barreto

O Engenheiro Duarte Pacheco

(Continuação da 3.ª página)

de tempo muito lhe ficou a dever o País. Foi por sua iniciativa que renasceu o problema da cultura científica, nomeando uma comissão para elaborar o projecto da criação da Junta de Educação Nacional, antecessora do actual Instituto para a Alta Cultura.

A sua saída prematura do Ministério não lhe permitiu assinar esse notável diploma que constituía nessa época um dos maiores sonhos da sua vida. O seu plano de fomento científico era grandioso, havendo já delineado como só ele sabia architectar, as receitas para essa nova e poderosa instituição.

Toda a sua obra no Ministério da Instrução fora essencialmente orientada e baseada em princípios morais e de justiça social, procurando dignificar o ensino em todos os seus ramos. Promulga disposições sobre ensino primário, remodelando-o convenientemente. Restabelece as Escolas Normais Primárias em várias cidades do Continente e das Ilhas. Faz um empréstimo destinado à construção e reparação de edifícios liceais, e bem assim à aquisição de mobiliário e material didáctico e às despesas de instalação das residências de estudantes.

Cria novos liceus em Lisboa e Coimbra e fixa a quadra dos professores efectivos dos liceus. Estabelece as propinas a cobrar pela frequência nos liceus, criando ao mesmo tempo Bolsas de Estudos. Organiza bibliotecas e regulamenta a admiss-

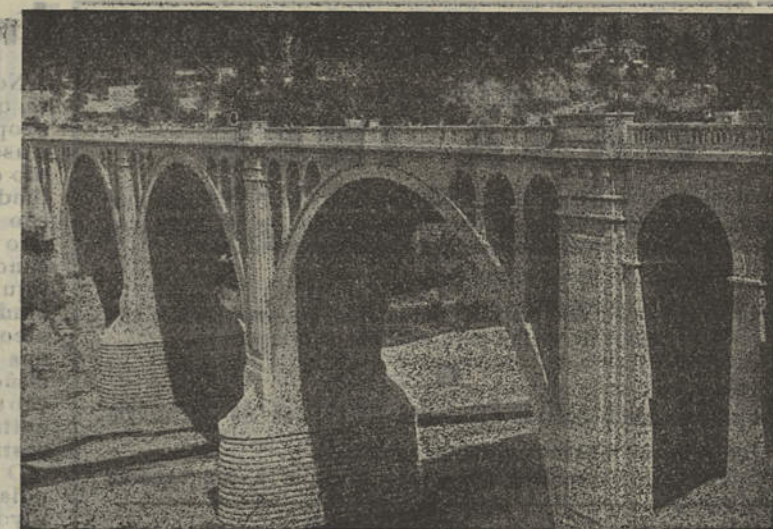
ção de professores previstos. Altera os programas dos cursos do Conservatório Nacional de Música. Preocupa-se com as obras dos Teatros de S. Carlos e Nacional. Autoriza os serviços de leitura nocturna na Biblioteca Nacional. Promulga a lei orgânica das Faculdades de Direito, etc., etc.

Creio não ser necessário ir mais longe para definir Duarte Pacheco, como um grande realizador e legislador. Estes problemas, estruturados em tão pouco tempo fazendo-lhe perder o contacto com a instabilidade política daquela época (Salazar era apenas Ministro das Finanças) contribuíram decididamente para que a sua passagem neste ministério não fosse muito demorada. Feriu interesses e hábitos inveterados pela situação política anterior.

E, para terminar, desejo ainda pôr em evidência um pormenor, talvez inédito, da sua vida. Duarte Pacheco queria diplomar-se em Matemática na Universidade de Coimbra consultando-me então nesse sentido. Dissuadi-o desse propósito por razões várias que não vêm agora para o caso, podendo orgulhar-me ufanamente de ter contribuído em parte para a sua formação técnica e de reformador imérito de Portugal moderno.

Lisboa 4 de Novembro de 1953

José António Madeira



«... ao contemplar um edifício público, ao passar uma ponte, ao percorrer uma estrada, ao admirar uma albufeira e, até, ao ver brotar água de um fontanário de aldeia — se tais obras são da nossa era — que são obras do Duarte Pacheco

UM HOMEM!!!

Pelo Dr. Mauricio Monteiro

«... TODOS os sábios, poetas, artistas, santos e heróis, políticos e construtores, que se ergueram para além da linha do horizonte para se

fixarem definitivamente no firmamento da nossa admiração e reconhecimento, são outros tantos padrões-guias da humanidade que eles serviram com o sacrifício da sua vida e o poder creador do seu génio.

Nunca foram as massas, por mais organizadas, nem as nações, por mais progressivas, que, só por si, definiram e vincaram os marcos milenários da História e do Progresso humano. Em toda a história de um povo surgiu sempre, na hora própria, um ser creador, uma inteligência esclarecida e forte a orientá-lo para o melhor rumo das suas aspirações, a conduzi-lo para o melhor porto da sua tranquilidade e progresso.

A nossa história não é das mais pobres no aparecimento destas figuras, que surgem na hora própria, em que uma pátria, indecisa na encruzilhada da sua rota, procura um Homem que a guie com firmeza e devoção, no caminho da missão histórica que Deus lhe confiou! E com estes Homens que, disciplinando, administrando e educando um povo, criam o ambiente próprio de onde ha-de surgir, mais tarde, outros homens que eles chamam a si para seus executores, seus colaboradores e interpretes no nobre pensamento de bem servir a Nação.

Salazar chamou a si para seu executor, seu colaborador e seu interprete, Duarte Pacheco: o homem perseverante, tenaz, trabalhador, dinâmico e de visão larga na obra a executar. E ninguém melhor que Duarte Pacheco soube internar-se na missão que lhe foi confiada. A ela se dedicou, com todo o fervor da sua alma, o brilho da sua inteligência, a tenacidade da sua excepcional energia, e com todo o potencial da sua resistência física.

(Continuação na 8.ª página)

José de Sousa Inês

Proprietário da

CASA INÊS

Participa aos seus prezados clientes e ao Ex.^{mo} Público que acaba de receber um vasto sortido de tecidos de lã para casacos e vestidos, das mais inéditas novidades

Grande coleção dos mais recentes modelos em blusas e casacos de malha para senhora e criança

Sempre o maior sortido em todos os artigos de Retrozaria

Apreciando os nossos sortidos, verificará o bom gosto que presidiu à sua escolha

Faça uma visita à

CASA INÊS

Largo Dr. Bernardo Lopes, 5 - 6 - 7 e 8

Telefone 132

LOULÉ

Comarca de Loulé

Secretaria Judicial

ANUNCIO

(1.^a publicação)

Pelo Tribunal Judicial da comarca de Loulé, 2.^a secção, e nos autos de execução sumária que José de Sousa Conceição, casado, agricultor, residente no sítio do Poço Novo, freguesia de S. Clemente, desta comarca de Loulé, move contra Maria Francisca de Jesus e outros, correm editos de 30 dias, citando Manuel de Sousa Gonçalves, solteiro, maior, trabalhador, a usente em parte incerta, com a última residência conhecida no sítio do Barrocal de Apra, freguesia de S. Clemente, desta comarca, para no prazo de 5 dias, a contar da 2.^a e última publicação deste anúncio e depois de decorrida a dilatação dos editos, impugnar a sua habilitação e deduzir a oposição que tiver, pagar ao exequente a quantia de 4.504\$40, os juros vincendos, custas, selos e procuradoria ou dentro do mesmo prazo nomear bens à penhora suficientes para esse pagamento, sob pena de se devolver esse direito ao exequente.

Loulé, 9 de Novembro de 1953.

O Chefe da 2.^a secção,
António Ilídio A. da Veiga
Verifiquei:

O Juiz, 1.^o Substituto
Manuel d'Andrade e Silva

VENDEM-SE

Dois prédios, sendo um situado na Rua Condestável D. Nuno Alvares Pereira, n.º 23, com 6 divisões e quintal e outro na Av. Marçal Pacheco, n.º 80, com 4 divisões e quintal.

Tratar com Sebastião de Freitas Leal — Portimão.

Casa do Algarve

RECEBEMOS o n.º 2 da 3.^a Série do Boletim da Casa do Algarve em Lisboa, que vem com esplêndida apresentação gráfica.

Além dum relatório das actividades da nossa agremiação regionalista na capital do País, o Boletim arquiva interessantes trabalhos, entre os quais salientamos a alocução do ilustre Presidente da Direcção, sr. Major Mateus Moreno — «O Algarve na projecção espiritual da obra de João de Deus», uma eloquentíssima, justa e viva resposta crítica do Major Jacinto Moura ao inteliz artigo do sr. Contra-Almirante J. Correia Pereira em «O Primeiro de Janeiro» sobre o monumento ao Infante D. Henrique a erigir em Sagres; o excerpto dum relatório sobre turismo no Algarve, apresentado pelo sr. Raul Graça Mira; notulas folclóricas, pelo Prof. Luís Chaves — «Uma tarde em Alte, Horizontes em Loulé...»; Processo em causa: — «As Caldas de Monchique e o Estado», etc.

Vê-se que a Casa do Algarve tem sempre presente os interesses económicos, morais e artísticos da província e a defesa do seu bom nome.

Pena é que os algarvios em massa não vivam os problemas da sua casa e a não apoiem, parecendo, por vezes, por aqueles sentimentos que no nosso jornal já foram estigmatizados, andarem propostada e incompreensivelmente dela divorciados.

FURGONETA

Fordson, série 15, em bom estado, caixa aberta. Vende-se por preço económico. Tratar com o proprietário Manuel Murta Marum — Poço Novo — Loulé.

Incêndio

No passado dia 2 do corrente, quando na Quinta da Tôr, propriedade do nosso amigo e assinante sr. Gervásio António dos Santos, alguns trabalhadores procediam à colocação duma torneira num depósito de aguardente à luz dum candeeiro de petróleo, aquele líquido inflamou-se e, produzindo a explosão do depósito, ateou um incêndio de elevadas proporções, que só a decisão rápida da pessoal e a acção dos bombeiros municipais evitaram que fosse mais desastroso.

O sinistro foi espectacular, pois que alguns milhares de litros de aguardente em chamas correram pela propriedade. Contudo as culturas nada sofreram.

Os prejuízos, apesar de tudo, ainda foram elevados pois se perderam alguns milhares de litros de aguardente e os depósitos e armazém ficaram bastante danificados devido à elevadíssima temperatura desenvolvida pelas chamas que só por muita felicidade se não atearam a cerca de 1.800 fardos de palha existentes nas proximidades.

Acto criminoso

No Rio de Janeiro, onde se encontrava estabelecido, foi vítima duma brutal agressão à navalhada, que lhe causou a morte, o sr. Manuel Borrela Guerreiro, solteiro, de 33 anos de idade, natural de Loulé, onde passou a maior parte da sua vida.

Deu lugar ao acto criminoso um motivo fútil, pois tratava-se do espancamento dum cãozito pertencente ao falecido, praticado outrossim pelo agressor, o que mereceu ao nosso conterrâneo natural censura, ao que aquele respondeu vibrando a navalha.

O criminoso, ao que consta, não tem profissão nem residência certa.

O falecido, pessoa muito estimada em Loulé, era filho da sr.^a D. Adelaide Guerreiro e do sr. Manuel Borrela Guerreiro, comerciante estabelecido na nossa praça, a quem acompanhamos no seu profundo pesar.

Para um bom trabalho tipográfico prefira a GRÁFICA LOULETANA

António Pereira Rosa

Proprietário da

ALFAIATARIA SPORT

Participa a todos os seus estimados clientes e ao Público em geral que, por motivo de retirada para o estrangeiro, liquida aos mais baixos preços, toda a sua existência de

Lanifícios para Homem

assim como também forros, entretelas, lonas e todos os artigos para alfaiate

Camisas, Gravatas, Peugos, etc.

Trespasa-se por junto ou em separado

Largo Gago Coutinho, 16 e 17

LOULÉ

ECOS DE SALIR PRÉDIO

Incendio

Na noite de 28 para 29 de Outubro declarou-se violento incêndio numa cavalariça pertencente ao sr. Manuel Cardoso, residente no sítio da Nave do Barão desta freguesia, resultando ficarem carbonizadas 2 burras e uma mui.

Apesar dos esforços da vizinhança que ocorreu em massa, não foi possível salvar os animais nem diversas alfaias agrícolas que ali se encontravam. O pavimento ficou destruído e os prejuízos excedem a 10.000\$00, não estando cobertos pelo seguro.

Falecimentos

Faleceu há dias na sua residência desta localidade, a sr.^a D. Catarina Gomes, de 74 anos de idade.

— Em casa da sua residência, faleceu nesta localidade, o abastado proprietário sr. Joaquim António Teixeira de 82 anos de idade.

Deixa viúva a sr.^a D. Maria da Conceição Faisca Teixeira, e era pai das sr.^{as} D. Maria do Bom Sucesso Faisca Teixeira e D. Maria da Conceição Faisca Teixeira.

O funeral foi bastante concorrido. — C.

COVEIRO

Precisa-se, para Boliquireme. Tratar com a Junta de Freguesia.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Aniversários

Fazem anos em Novembro:

Em 16, a sr.^a D. Maria do Pilar de Sousa Oliveira Ministro, Em 19, o sr. José João Valério Esteves.

Em 20, o menino Walter Ricardo Guerreiro da Piedade Caracol.

Em 23, a sr.^a D. Maria das Dores Cristovão da Piedade Pinto Lopes, residente em Lisboa e o sr. José Cavaco Vieira, residente em Alte.

Em 24, as sr.^{as} D. Francisca Dias da Piedade Formosinho e D. Maria Esteves Farrajota Bento.

Em 25, as sr.^{as} Dr.^a D. Maria Júlia Nascimento Costa e D. Catarina do Nascimento da Silva Dias e o menino Amadeu Cavaco Carrilho.

Em 26, a sr.^a Dr.^a D. Maria Lisete Vinhas Pinto Lopes Elias Garcia, residente em Faro, o sr. Rogério Pereira Marcelino e a menina Alberta Maria Freitas Filho.

Em 28, as sr.^{as} D. Maria do Carmo Coelho Corpas, residente em Lisboa e D. Serafina Olival Romão, residente em Vendas Novas e o sr. Luís Henrique de Sousa Clemente.

Em 30, a sr.^a D. Maria Augusta Cabral Canelas e o sr. José Francisco Costa.

Cosinha primorosa e asseio esmerado

proporciona a todos os seus clientes o →

Restaurante Conde

DE

Virgílio Fernandez Alvarez

Rua José Fernandes Guerreiro (em frente do Mercado)

LOULÉ

Carimbos de borracha

Confie as suas encomendas à Gráfica Louletana — Telefone 216 — Loulé.

Guerra contra o Fungão

o TILICID Sandoz

Lançou a sua ofensiva!

Desinfectando as sementes a seco com o

TILICID Sandoz

evitará este e outros prejuízos nas suas searas de trigo, cevada, aveia, etc.

TILICID — o produto preferido pela Lavoura! Exito garantido, prático e eficaz!

Modo de emprego:

Dosagem:
Para trigo, centeio, cevada
200 grs. de Tilicid
para 100 k de semente

Dosagem:
Para Aveia
300 grs. de Tilicid
para 100 k de semente

Distribuído pelos Revendedores e Grêmios da Lavoura ou pela Agência Geral no Baixo Alentejo e Algarve

LYSTER BRAZÃO DE JESUS
BOLIQUIME

DUARTE PACHECO, realizador de excepção

Um grande Ministro! Um grande Português

(Continuação da 4.ª página)

seu melhor apanágio, à própria lenda. Duas virtudes capitais são também impressionantes: o desinteresse pessoal, que foi absoluto, porque desligado dos próprios interesses legítimos; a abnegação com que usou de si mesmo, sem contar, porque insensível ao desânimo e ao cansaço. Por sua vez, os próprios humanos defeitos que notoriamente lhe apontaram, foram nele, como em poucos, não o reverso, mas o sobejo decertas grandes qualidades, a obcessão do interesse público e o amor da obra em curso que não sofria delongas. Antes as suas pressas, em todo o caso, mesmo com excesso de velocidade, do que as demoras e as resistências, passados, vezes demais, aos usos e abusos correntes.

«Pode assim talvez dizer-se que em tudo foi feliz, menos na morte prematura; mas feliz ainda, para além da morte, porque deixou pronunciados os traços da sua lavra o bastante para que, sem lha desvirtuar, a continuassem, e porque logrou fazer escola e formar até, em um seu discípulo dilecto, o continuador oportuno e judicioso que assegurou dinâmica sobrevivência à sua actuação criadora.

De um pormenor quero, porém, ainda dar conta. E' um leve incidente na vida

tumultuária daquele trabalhador prodigioso. Mas é, por si, um índice válido da sua maneira de trabalhar. Acresce aliás que dele sou testemunha qualificada para depôr.

O Engenheiro Duarte Pacheco mais de uma vez manifestou o seu real apreço pela obra do Jardim Zoológico de Lisboa. Em seu entender, não se devia perder tempo: o Jardim tinha de ser, e depressa, um dos grandes atractivos da cidade.

Sempre o encontrei assim, devotadamente, ao nosso lado. Nada do que lhe pedi deixou de fazer. De uma vez, porém, a última, fez mais do que isso. Fez, por iniciativa própria, com que viesse a ser suprimida a Azinhaga das Aguas Boas, que cortava o jardim de lés a lés: quer dizer, a decisão de maior alcance para assegurar o desenvolvimento e o esplendor do Zoo de Lisboa, restituindo assim à sua recomposta unidade. E' na verdade curioso seguir como no seu espírito essa resolução se formou. Formou-se em dois tempos — e, à sua maneira, praticamente e depressa. Frequentador assíduo do Jardim, logo viu que na supressão da Azinhaga estava o fulcro do problema que passou a ter diante de si: criar às Laranjeiras a condição por excelência de desempenhar com grandeza o seu designado destino. E uma vez essa convicção formada, o resto não demorou.

Foi ele próprio, sózinho, e sem que ninguém o soubesse, a horas várias do dia e em dias seguidos passear a pé pela Azinhaga: assim faria ideia por si mesmo sobre a possibilidade ou impossibilidade de reunir os dois troços do Jardim sem inconveniente de maior para o transito. E foi deste modo que chegou a conclusão de nos entregar a velha senda condenada a desaparecer. Mas — estranho capricho do destino — ainda não foi por ele que o soubemos. A morte não lhe deu tempo para no lo anunciar. Foi o Engenheiro Rodrigues de Carvalho, fiel testamenteiro daquele legado quem nos deu a boa nova e corajosamente nos assegurou a sua pacífica execução.

Leve incidente foi este, repito, na vida atribulada do grande Ministro das Obras Públicas. Mas não cabem nele, palpitantes e inteiras, as duas virtudes capitais do verdadeiro homem de Estado que foi Duarte Pacheco: a visão larga e a decisão pronta?

Fernando Emygdio da Silva

Esclarecimento da Redacção

As legendas das gravuras em que se evoca Duarte Pacheco, foram extraídas do famoso discurso do falecido engenheiro Vicente Ferreira, na sessão do Conselho Superior de Obras Públicas de 20 de Dezembro de 1943, em que se prestou homenagem à memória do grande Ministro.

Importação Directa

DE
Naffalina em bolas
Alumén de Potassa
(em pedras grandes)
Metabisulfito de Potássio
(em cristais grossos)
Sulfito de sódio fotográfico
(amido 48,50 % em pó)
Acelona

VENDE
Manuel da Costa & Brito,
LIMITADA
R. de S. Mamede, 22-D. (ao Caldas)
LISBOA
PLYMOUTH

Vende-se do último modelo anterior à guerra. Magnífica construção não tendo sido ainda rectificado. Estado impecável e muitos extras. Optima aquisição para táxi ou serviço de confiança. Informa em Tavira — J. A. Pacheco.

(Continuação da 2.ª página)

levo e estatura política, mental e técnica.

«O espírito de Duarte Pacheco prevalecia para além da sua morte, pois era afinal ele o grande orientador dos seus sucessores na pasta a que sacrificara a própria vida».

Na esteira que ficou e perdurará, marcando o trilho percorrido por esse Estadista genial, jámais se encontram hesitações, retrocessos, desvios absurdos. Tudo é lógico, harmonioso, equilibrado, ponderado, enérgico decidido, seguro.

Pela lucidez fulgurante da sua visão de estadista e pelo seu dinamismo criador de homem de acção, foi um gigante neste nosso Portugal.

Homem de coração, deixando-se levar pela loucura do desinteresse (parece que, perdidos os princípios, ser desinteressado nos dias de

hoje é ser louco) a sua franqueza e a nitidez das suas atitudes eram como a expressão familiar de uma alma nobilíssima.

Quando o futuro, o grande revisor das reputações, puder avaliar, já sem paixões, através daquele crepúsculo que a todos atinge inevitavelmente, a sua obra admirável, verá em Duarte Pacheco, como na palavra clássica aplicada a uma grande figura do passado, *um destes homens que honram uma Pátria*.

Esta, a homenagem, sem exibicionismo pessoal, que, um modestíssimo jornalista, seu comprouviano e simpaticamente entusiástico da sua obra, lhe presta publicamente, sò nente pela satisfação dum Dever Cumprido.

Lisboa, Novembro de 1953

Luís Sebastião Peres

Comissão Municipal de Assistência de Loulé

ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 10 de Dezembro de 1953, pelas 15 horas na sede da Comissão Municipal de Assistência de Loulé, (Santa Casa da Misericórdia de Loulé) perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de «Construção de um Centro de Assistência Social Polivalente, em Loulé».

Base de licitação 982.661\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais, Agências ou Delegações, o depósito provisório de 24.566\$50, mediante guia passada pela Comissão Municipal de Assistência de Loulé, em qualquer dia útil, durante as horas de expediente e até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Câmara Municipal de Loulé e na Direcção de Urbanização de Faro.

Comissão Municipal de Assistência, 10 de Novembro de 1953.

O Presidente da Comissão Municipal de Assistência de Loulé

José Trindade Figueiredo Mascarenhas

Banheiras de ferro esmaltado
e em chapa de aço esmaltado
interior e exteriormente

em todos os tamanhos
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

Fogões esmaltados de vários tamanhos
da «FÁBRICA PORTUGAL»

Veja o grande sortido na casa

João de Oliveira

Avenida Marçal Pacheco, 26 a 30

Telefone 47

LOULÉ

Laboratório de Análises Clínicas

Ascensão Afonso
MÉDICO

Rua Conselheiro Bivar, 102

Telefone, 366

FARO

As mais lindas Rosas de Portugal

As mais famosas árvores de fruto

Arvores florestais

Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Moreira da Silva & Filhos, Limitada

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO



O MONUMENTO A DUARTE PACHECO

O monumento destinado a perpetuar a memória do Grande Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Duarte Pacheco, erigido em Loulé — sua terra natal — no topo da Avenida Marechal Carmona, tem como fundo a frondosa arborização do futuro parque municipal.

A sua construção foi comparticipada pelo Estado e por todas as Câmaras Municipais do País.

Ao estudar o partido de composição deste monumento, procurou-se simbolizar, nas suas linhas gerais, a gigantesca obra realizada pelo eminente Ministro, interrompida tão brutalmente pelo fatal desastre que o vitimou.



PROF. ARQUITECTO CRISTINO DA SILVA
(segundo um retrato do célebre pintor H. Medina)
Autor do proj. do Monumento



ENG.º JOSÉ FREDERICO ULRICH
Ministro das Obras Públicas
O grande impulsionador da construção do Monumento



ENG.º MANUEL DE SÁ E MELO
Director Geral dos Serviços de Urbanização,
a quem coube a fiscalização de toda a obra

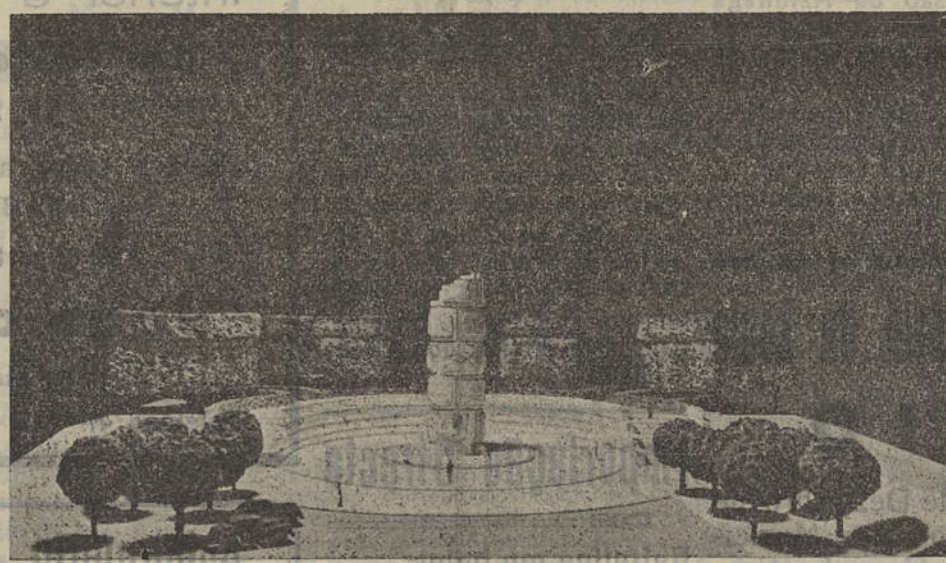
Prof. Leopoldo de Almeida — Efigie do Ministro c/ 1,70 de altura, ladeada por grandes palmas
Prof. Barata Feyo — Monumentos Nacionais. Exposição do Mundo Português
Henrique Moreira — Hospitais — Escolas
Alvaro de Brée — Estádio — Edifícios
João Fragozo — Urbanização — Habitação
Martins Correia — Aeroportos — Lisboa
Raúl Xavier — Pontes — Caminhos de Ferro
Anjos Teixeira — Camionagem — Estradas
António Duarte — Portos — Abastecimento de águas
Euclides Vaz — Radiodifusão — Hidráulica Agrícola
O bronze destinado à fundição da efigie do saudoso Ministro foi tirado dum velho canhão

Essa grandiosa obra, é representada por um enorme fuste de coluna, 5,00 m. de diâmetro, sobre o qual estão gravados, em grandes baixos relevos, 18 motivos representando o seu vasto programa de acção no sector das Obras Públicas.

A 17,00 m. de altura, o referido fuste apresenta uma brusca quebra de continuidade, simbolizando a trágica interrupção da grandiosa obra do eminente estadista.

Na base voltada para a praça, que remata a Avenida Marechal Carmona, situa-se um plinto, com 4,00 m. de altura, adossado ao fuste na face do qual está colocado um baixo relevo representando a efigie de Duarte Pacheco, fundido em bronze, rodeado por duas grandes palmas esculpidas na cantaria.

A referida coluna, que constitui o motivo principal da composição, assenta sobre uma ampla plataforma circular, com 30,00 m. de diâmetro, limitada em metade do seu perímetro por um muro de suporte semi-circular, com 4,00 m. de altura — incluindo a cortina de resguardo.



O Monumento a Duarte Pacheco

cedido pelo Estado

A obra que foi adjudicada à firma Anibal de Brito, em concurso público aberto pela Câmara Municipal de Loulé, foi fiscalizada pelos Serviços Técnicos dessa Câmara e pela Direcção de Urbanização de Faro e ficou concluída no dia 30 de Outubro. O estudo da iluminação eléctrica do monumento foi confiado ao distinto Engenheiro Electrotécnico sr. Castro Nery e o da jardinagem e arborização ao Engenheiro Silvicultor J. Pacheco Torres.

Devido ao limitadíssimo prazo estabelecido para a edificação deste monumento, e à impossibilidade de se poder adoptar o sistema usado correntemente no talhe das cantarias, trabalhando-as nas oficinas, resolveu-se esculpir as 250 pedras que formam os 18 baixos relevos que guarnecem o fuste da elevada coluna do monumento directamente sobre os seus paramentos, depois de convenientemente assentes — à maneira francesa.

Este trabalho, que pela primeira vez se executa em Portugal em tão grande escala, foi confiado ao distinto escultor Anjos Teixeira, que à frente de uma seleccionada equipa de competentes canteiros estatuarios, se desempenhou brilhantemente dessa difícil missão.

UM HOMEM!!!

(Continuação da 5.ª página)

A sua vida quebrou-se no melhor caminho da sua dinâmica e pujante obra construtiva.

Foi sempre rápido, sintético, objectivo e conciso na trajectória a seguir. Preferia a linha recta, por ser a distância mais curta a vencer.

Foi um trabalhador incansável, um lutador intemerato, que não excluiu o sonho, esse mágico perfume que aquece e embriaga as almas daqueles que vieram a este mundo para criar, produzir e enriquecer a grei.

A admirável e simbólica homenagem prestada a

Duarte Pacheco na terra em que nasceu, constitui uma bela página de lição patriótica aos novos, quando junto do monumento, seus pais lhe disserem que aquele Homem serviu o País como um autêntico herói, vencedor de muitas lutas e combates, enriquecendo o solo pátrio com o fruto do seu esforço creador.

Aquela coluna quebrada, meu filho! representa a vida breve do louletano Duarte Pacheco, o Homem que hipotecou o melhor da sua vida de trabalho à Pátria... e por ela morreu a trabalhar!...

Maurício Monteiro

Este muro, que se destina a suportar as terras do «parque municipal» contíguo, é totalmente revestido com um forro de cantaria aparelhada, sobre o qual foi gravada a seguinte passagem duma frase de Salazar, extraída do discurso que proferiu, em 25 de Novembro de 1943, na Assembleia Nacional, após a morte de Duarte Pacheco.

... «uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio».

Completam o arranjo geral da composição, duas escadarias dispostas à direita e à esquerda da plataforma circular, permitindo a comunicação directa entre o arruamento que se desenvolve em torno do monumento e a praça que lhe fica em frente.

Tanto o arquitecto autor do projecto do monumento, Prof. Luiz Cristino da Silva como os 10 escultores que colaboraram na realização plástica desta obra, ofereceram desinteressadamente os seus trabalhos à Nação, como preito de homenagem à memória do

eminente estadista e da sua grandiosa obra.

Os numerosos trabalhos de escultura constituído por baixos rel. c/ 2,75 x 2,00 que guarnecem o monumento foram executados pelos artistas:

A MORTE DO HOMEM

Improvisto perante o catafalco de Duarte Pacheco, na velada pungente da noite de 16 de Novembro de 1943

O Homem jaz! A seus pés, duas figuras,
De astral presença e rigidez marmórea,
Velam, com longas túnicas escuras,
Sobre um fundo que é já de Lenda e História.

Congelou-lhes o frio das Alturas
As lágrimas na face merencórea,
Velam do Homem que jaz as linhas duras.
Uma é a Pátria; chama-se outra a Glória!

Velam o coração heróico e forte
Que, em luta ainda com a própria morte,
Continuou a bater com ritmo igual,

E só parou, por fim, exausto e exangue,
Quando nas veias já não tinha sangue
Pois dera todo o sangue a Portugal!

Ramiro Guedes de Campos